

Oferta
ao aluno

MARÉ ORIENTE

Pai tu munteramã / e atira aquele palanco / e despeja aquele banco / para a gente que virá.



por mares nunca antes navegados

o nome Luís há de bastar

Também eu me
embarquei para
a Índia



Taprobana

NOITE DE BREU

Oh, que tempo de partir

Saboci o meu
PRÍNCIPE
- e agora vou dar
de mamar ao
meu FILHO

mar



Ocidental praia Lusitana

BARCA

LeYa

SEBENTA

preparação para testes e prova final

Entre Palavras 9
Português 9.º Ano

António Vilas-Boas / Manuel Vieira

preparação para testes e prova final

Entre Palavras 9
Português 9.º Ano

António Vilas-Boas / Manuel Vieira

manual
escolar



SEBENTA

ÍNDICE

Testes

Teste 1 – Sequência 1	3
Teste 2 – Sequência 2	7
Teste 3 – Sequência 3	11
Teste 4 – Sequência 4	15
Teste 5 – Sequência 5	19

Prova Final

Prova-modelo	23
Soluções	29

Teste 1

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

OS AÇORES E AS ROTAS COMERCIAIS NOS SÉCULOS XV E XVI

Ao estudar-se a história da expansão portuguesa, verifica-se que o arquipélago dos Açores desempenhou uma função essencial que lhe adveio principalmente da sua situação geográfica, mas também das condições do seu clima e da riqueza agrícola do solo. Com efeito, logo após o povoamento que se inicia a partir de 1439, os Açores começam a adquirir uma valia crescente evidenciada desde logo pela produção
5 de cereal, assumindo-se, gradualmente, como suporte relevante do comércio português com a costa ocidental africana e com o Oriente, já no século XVI.

Mas o descobrimento da América Central por Cristóvão Colombo e as consequentes relações comerciais que se estabeleceram a partir de Castela¹ vieram ainda reforçar a importância que o arquipélago desempenhará na história do Atlântico nos séculos XVI-XVII. (...)

10 A importância da escala da ilha Terceira, particularmente evidenciada após o regresso de Vasco da Gama da Índia em 1499 e a crescente atividade de corso² nestas paragens irá exigir da Coroa portuguesa a adoção de medidas de fiscalização e apoio, de modo a garantirem a maior segurança às naus regressadas a Portugal. Por isso, era promulgado, em 1520, o *Regimento para as naos da Índia nos Açores*, onde se estabeleciam, minuciosamente, as normas a seguir com as naus que regressavam do Oriente, quer no respei-
15 tante à segurança dos seus carregamentos, quer ainda sobre o abastecimento que necessitassem. (...)

Finalmente e como medida de apoio às armadas regressadas principalmente da Índia ou até da Mina ou do Brasil, era enviada anualmente, de Lisboa para os Açores, uma armada – a conhecida *Armada das Ilhas* – que tinha como missão aguardar nas proximidades da ilha mais ocidental e também menor dos Açores, o Corvo, a chegada das naus da Índia, a fim de as acompanhar até Lisboa depois de escalarem o porto de Angra na ilha Terceira.

Artur Teodoro de Matos, «Açores: ponto de convergência de rotas comerciais»,
in *Oceanos*, número 1, Lisboa, junho de 1989

Vocabulário

¹ Espanha, cujo império se estendia à América Central

² atividades de pirataria contra os navios portugueses

1. As afirmações apresentadas de (A) a (E) baseiam-se em informações que constam deste texto. Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas informações aparecem no texto. Começa a sequência pela letra (B).

(A) A *Armada das Ilhas* foi criada para proteger as naus que vinham da Índia.

(B) No século XV os Açores já eram um espaço importante para Portugal, não só pela sua localização mas ainda pela produção cerealífera.

(C) A importância do arquipélago dos Açores aumentou com a descoberta da América Central.

(D) Com a descoberta do caminho marítimo para a Índia, os Açores ganharam ainda mais importância devido à sua localização geográfica.

(E) A *Armada das Ilhas* aguardava os navios que vinham da Índia e acompanhava-os até Lisboa como medida de proteção.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1 a 2.3), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção correta.

2.1 Pela leitura do texto pode afirmar-se que

- (A) são duas as condições que explicam o importante papel dos Açores durante as descobertas.
- (B) são três as condições que explicam o importante papel dos Açores durante as descobertas.
- (C) são quatro as condições que explicam o importante papel dos Açores durante as descobertas.
- (D) são cinco as condições que explicam o importante papel dos Açores durante as descobertas.

2.2 Atenta na expressão «medidas de fiscalização e apoio», l. 12. Estas «medidas» são apresentadas, no texto,

- (A) no mesmo parágrafo.
- (B) no último parágrafo.
- (C) as de «fiscalização» no terceiro parágrafo e as de «apoio» no seguinte.
- (D) as de «apoio» no terceiro parágrafo e as de «fiscalização» no seguinte.

2.3 Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.

- (A) A palavra «lhe», l. 2, refere-se a «arquipélago dos Açores».
- (B) A palavra «sua», l. 2, refere-se a «arquipélago dos Açores».
- (C) A palavra «seu», l. 3, refere-se a «arquipélago dos Açores».
- (D) A palavra «onde», l. 13, refere-se a «Portugal», l. 13.

Parte B

Às três da manhã do dia 21 de junho, acordaram-nos para nos dizer que o arquipélago dos Açores estava à vista. Eu respondi que a mim não me interessavam as ilhas às três da manhã. Mas eis que assomou outro informador, e outro a seguir a este, até que me convenci que o entusiasmo geral não ia deixar ninguém dormir em paz, pelo que me levantei e cambaleei sonolento até ao convés. Já eram cinco e meia, e anunciava-se uma manhã austera e ventosa. Os passageiros aninhavam-se junto às chaminés e aqueciam-se atrás dos ventiladores, todos embrulhados nas roupas de inverno, com caras de sono e infelicidade face à ventania implacável e aos salpicos contínuos das ondas.

A ilha que se avistava era a das Flores. Não parecia muito mais do que um monte de lama despontando na névoa baça do mar. Mas, à medida que nos aproximávamos veio o Sol, e tornou-se num belo quadro: um conjunto de quintas e prados verdes que subiam até aos dois mil e quinhentos pés, fundindo os seus contornos com as nuvens.

(continua)

(continuação)

Tinha escarpas íngremes e abruptas, escavadas por estreitos túneis, e, aqui e ali, nas alturas, os cimos rochosos pareciam desenhar fortalezas e castelos; e eis que das nuvens esfarrapadas desceram largos feixes de luz, pintando os cumes e as encostas e os valesinhos da ilha com faixas de fogo, alternadas com riscas de sombra escura. (...) 15

Contornámos dois terços da ilha, a quatro milhas ao largo, e todos os binóculos (...) foram requisitados em socorro das discussões sobre se as manchas viçosas dos cumes constituíam renques de árvores ou ervas. (...) Finalmente, rumámos ao mar alto em direção a São Miguel, e aquela ilha das Flores voltou rapidamente à sua forma de monte de lama, afundando-se na névoa até desaparecer.

Mark Twain, *A viagem dos inocentes*, Lisboa, Tinta-da-China, 2010

3. Explicita por que razão o narrador não participava do «entusiasmo geral», l. 3.
4. Mostra como o narrador assume uma atitude irónica no primeiro parágrafo.
5. Atenta na frase «Não parecia muito mais do que um monte de lama despontando na névoa baça do mar.», ll. 8-9.
- 5.1 Identifica o recurso expressivo nela presente.
6. Refere a razão que levou à requisição de «todos os binóculos», l. 16.

Parte C

Escreve um texto expositivo que tenha um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras no qual indiques de que modo te relacionas com o mar.

O teu texto deve incluir uma curta parte introdutória, um desenvolvimento e uma pequena conclusão.

GRUPO II

1. Identifica a que classes e subclasses pertencem as palavras destacadas nas frases seguintes.
 - a) Os marinheiros perguntaram **se** podiam entrar **no navio**, **embora** ainda fosse cedo.
 - b) Foi **lhes** respondido **que** o navio só partia **quatro** horas mais tarde.
 - c) Disseram-**me** **para** verificar **se** o navio **já** tinha partido **para** Lisboa.
2. Faz corresponder os elementos de ambas as colunas de modo a obteres afirmações verdadeiras.

A	B
2.1 A função sintática da expressão destacada na frase <i>Ele parece um marinheiro experiente</i> é de	(A) modificador [de GV].
2.2 A função sintática da palavra destacada na frase <i>Os marinheiros viram-nos ontem</i> é de	(B) predicativo do sujeito.
2.3 O sujeito da segunda forma verbal presente na frase <i>Eles foram ao cinema e disseram que gostaram do filme</i> é	(C) complemento agente da passiva.
2.4 A função sintática da palavra destacada na frase <i>O navio só partiu às dez horas</i> é de	(D) complemento direto.

(continua)

(continuação)

A	B
2.5 O sujeito da frase <i>Disseram que o navio estava muito atrasado</i> é	(E) subentendido.
2.6 Na frase <i>O navio já entrou na doca</i> , a expressão destacada tem a função sintática de	(F) complemento oblíquo.
2.7 Na frase <i>O navio foi reparado pelos técnicos</i> a expressão destacada tem a função sintática de	(G) indeterminado.

3. Só uma das orações subordinadas que se encontram destacadas nas frases complexas seguintes exprime um facto que, embora contrário ao outro facto presente nessa frase, não o pode impedir. Identifica-a.

- (A) Uma vez que o mar estava muito encapelado, as traineiras não conseguiram sair.
 (B) Caso se verifiquem más condições meteorológicas, os barcos não poderão sair.
 (C) Embora as condições meteorológicas o desaconselhassem, os barcos saíram.

3.1 Classifica-a.

4. Atenta nos complementos destacados nas frases seguintes e reescreve-as seguindo as instruções.

4.1 Entregame **as instruções de navegação!**

- a) Reescreve a frase substituindo o complemento por um pronome pessoal.
 b) Reescreve agora a última frase que escreveste na forma negativa.

4.2 Ele entregará **as instruções de navegação ao capitão do navio.**

- a) Reescreve a frase substituindo o complemento indireto por um pronome pessoal.
 b) Reescreve-a agora substituindo somente o complemento direto por um pronome pessoal.
 c) Procede a uma terceira reescrita na qual substituas ao mesmo tempo ambos os complementos por pronomes pessoais.

4.3 Ele não tinha entregado **as instruções ao capitão do navio.**

- a) Reescreve esta frase substituindo o complemento indireto pelo pronome pessoal adequado.
 b) Reescreve agora a frase substituindo ambos os complementos pelos pronomes pessoais apropriados.
 c) Reescreve ainda na forma afirmativa as duas últimas frases que escreveste.

GRUPO III

Escreve um texto no qual apresentes a tua opinião sobre a poluição ambiental. Deverás referir obrigatoriamente a poluição marítima, incluindo a das praias. Procura convencer, através de, pelo menos, dois argumentos apropriados, os leitores do teu texto a contribuírem para uma melhoria do ambiente, em geral, e do mar e das praias, em particular.

O teu texto deve apresentar uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão e deve ter no mínimo 180 palavras e no máximo 240.

Teste 2

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Consulta o vocabulário em caso de necessidade.

A cidade dos brinquedos

O percurso dos bazares orientava a minha geografia das idas à cidade.

Quando comecei a tomar consciência da cidade, ainda havia sinaleiros de luvas brancas nos cruzamentos, em cima de coretos vermelhos às riscas, havia tanta gente na rua que nem cabia nas passeadeiras. Gostava de passear pelos cavalos da Praça de D. João I. A reboque da mão da minha mãe, passávamos na rua das Carmelitas, 31 de Janeiro e Santa Catarina onde pontuava a visita à loja psicadélica dos Porfírios. No entanto, era pelos bazares que tentava orientar as idas à Baixa. Tentava sempre parar no Bazar Esmeriz, para ver os comboios e tentar levar um carrinho. Quando voltava, fazia tudo para tentar puxar a minha mãe para a Rua de Cedofeita, onde estava o Bazar dos Três Vinténs... para tentar pela última vez um carrinho. Pelo caminho, ficava o Londres e o Paris lado a lado, que eram os mais caros, como tal, proibidos para qualquer pedinchice. Mas tinham a maior coleção de comboios de que me recordo! Se conseguisse, ainda passava na esquina da [Praça] Guilherme Gomes Fernandes, para ver os brinquedos telecomandados. Era o bazar dos adultos. Nem ousava entrar – ficava pela montra a ver os seus magníficos veleiros e carros.

Morava na antiga rua do Pombal, agora Adolfo Casais Monteiro. No fundo da rua vivia a bisavó, numa casa enorme de esquina, que tinha um jardim que reproduzia mais ou menos os jardins da Babilónia, suspensos, com uma tartaruga enfiada num lago de azulejos Viúva Lamego.

Ao lado, mesmo ao lado, era o Jardim do palácio de Cristal. Havia lá algo que ainda me deixa totalmente fascinado: miniaturas de lanchas de dois lugares, inspiradas nas lanchas Riva italianas, com motor a gasolina, fumarentas e barulhentas. Ficava a ver adultos a fazer corridas e, a passar debaixo da ponte, uns 20 barcos dentro daquele lago. Nunca andei.

Mas os maiores brinquedos de todos eram os tróleys¹, vermelhos. Faziam um barulho muito engraçado (...). Andar de tróley era uma experiência em grande, melhor nos de dois andares, onde se subia por uma escada em alumínio (...). Sobretudo, havia muitos... e coloriam a cidade.

E hoje... Vejo o Porto como um enorme bazar – a Avenida da Liberdade, a Mouzinho da Silveira, a Praça do Infante, a Praça de D. João I, o Largo Montpellier – Bombarda, Carmo, Leões, Cordoaria, São Bento, Almada, Flores. Sempre uma descoberta com encanto, sempre a surpreender e a entreter, visitantes e amigos, num puzzle gigantesco – um jogo enorme onde se juntam peças sem parar – feito por gerações de arquitetos (e não só) a trabalhar, a adicionar, a renovar, a substituir. (...).

Arquitetos, engenheiros e artistas, negociantes, cientistas e todo o povo, que somos todos nós, pudemos brincar e experimentar. Construímos o Porto numa gigante cascata de São João, como se de uma pista de comboios se tratasse.

Pedro Balonas, «A cidade dos brinquedos», in Valéria Wiendl e Pedro Camelo, *Meaningful Porto sentido – Histórias de uma cidade – Tales of a city*, Aveleda / Vila do Conde, Quinovi, 2012 (Com supressões)

Vocabulário

¹ autocarro de dois andares

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Selecciona, para responderes a cada item (1.1 a 1.5) a única opção que te permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto. Escreve na folha da prova o número do item e a letra que identifica a opção correta.

1.1 A primeira frase do texto «O percurso dos bazares orientava a minha geografia das idas à cidade.», l. 1, significa que

- (A) o narrador ia à cidade para estudar a sua geografia.
- (B) o narrador ia à cidade para visitar os bazares.
- (C) o narrador ia à cidade e tinha os bazares como pontos de referência essenciais.
- (D) o narrador ia à cidade e orientava-se pelos bazares para não se perder.

1.2 Nas frases «havia tanta gente na rua que nem cabia nas passeadeiras», l. 3, e «Tentava sempre parar no Bazar Esmeriz para ver os comboios», ll. 6-7, exprimem-se, respetivamente, as ideias de

- (A) consequência e fim.
- (B) possibilidade e consequência.
- (C) causa e consequência.
- (D) fim e possibilidade.

1.3 A referência aos «tróleys», l. 20, é realizada, respetivamente, através de sensações

- (A) visuais (cromáticas) / auditivas / visuais (cromáticas).
- (B) visuais / auditivas / visuais (cromáticas).
- (C) auditivas / visuais (cromáticas) / visuais (cromáticas).
- (D) táteis / visuais (cromáticas) / auditivas.

1.4 No penúltimo parágrafo, ll. 23 a 27, o Porto é apresentado através de dois recursos expressivos, respetivamente

- (A) comparação e antítese.
- (B) comparação e hipérbole.
- (C) metáfora e comparação.
- (D) comparação e anáfora.

1.5 O conector destacado na frase «Pelo caminho, ficava o Londres e o Paris lado a lado, que eram os mais caros, **como tal**, proibidos para qualquer pedinchice.», ll. 9-10, pode ser substituído por três dos quatro conectores seguintes, exceto por um. Identifica-o.

- (A) Por isso.
- (B) Portanto.
- (C) Desse modo.
- (D) Por esse motivo.

Parte B

Lê o texto.

Ora entre Enganim e Cesareia, num casebre desgarrado, sumido na prega dum cerro vivia a esse tempo uma viúva, mais desgraçada mulher que todas as mulheres de Israel. O seu filhinho único, todo aleijado, passara do magro peito a que ela o criara para os farrapos da enxerga apodrecida, onde jazera, sete anos
5 passados, mirrando e gemendo. Também a ela a doença a engelhara dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada. E, sobre ambos, espessamente a miséria cresceu como o bolor sobre cacos perdidos num ermo. Até na lâmpada de barro vermelho secara há muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão ou côdea. No estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro, secara a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só ervas apanhadas
10 nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até às aves maléficas sobrava o sustento.

(continua)

(continuação)

Um dia um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, esse Rabi que aparecera na Galileia, que de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as criancinhas, e enxugava todos os prantos, e prometia aos pobres um grande e luminoso reino, de abundância maior que a corte de Salomão. A mulher escutava com olhos famintos. E esse doce Rabi, esperança dos tristes, onde se encontrava? O mendigo suspirou. Ah, esse doce Rabi! quantos o desejavam, que se desesperavam! A sua fama andava por sobre toda a Judeia como o Sol que até por qualquer velho muro se estende e se goza; mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aqueles ditosos que o seu desejo escolhia. (...) A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto, mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar duma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse esse Rabi, que amava as criancinhas ainda as mais pobres, sarava os males ainda os mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

– Oh filho! e como queres que te deixe, e me meta aos caminhos, à procura do Rabi da Galileia? (...) Jesus anda por muito longe e a nossa dor mora connosco, dentro destas paredes, e dentro delas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse através das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho tão pobre, sobre enxerga tão rota?

A criança, com duas lágrimas na face magrinha, murmurou:

– Oh, mãe, Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um tão pesado mal, e que tanto queria sarar!

– Oh, meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galileia, e curta a piedade dos homens. Tão rota, tão trôpega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casais. Ninguém atenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce Rabi. Oh filho! talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O céu o trouxe, o céu o levou. E com ele para sempre morreu a esperança dos tristes.

De entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a criança murmurou:

– Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo Jesus disse à criança:

– Aqui estou.

Eça de Queirós, «O suave milagre», in *Contos*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d

2. Caracteriza ambos os espaços presentes no primeiro parágrafo – ll. 1 a 10.
3. Relaciona esses espaços com as duas personagens referidas no texto. Explica, justificando, se a relação é de identidade, diferença, ou outra.
4. Justifica a atitude da mulher que escutava o «mendigo» de «olhos famintos», ll. 15-16.
5. A mãe apresentou ao filho argumentos e um exemplo para não partir em busca do Rabi, de Jesus. Explicita os argumentos e refere o exemplo.
6. Elabora um pequeno comentário no qual apresentes a tua opinião fundamentada sobre o final deste conto.

Parte C

Escreve um texto no qual presentes pelo menos três aspetos da sociedade atual que te chocam e que gostarias de mudar. O teu texto deve ter no mínimo 70 palavras e no máximo 120. Deves apresentar uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

GRUPO II

1. Explica o processo de formação da seguinte palavra:
 - 1.1 amargurada.
2. Identifica e classifica a oração subordinada presente na frase complexa *O mendigo era pobre e magro como qualquer desgraçado.*
3. Passa para o discurso indireto: «A criança, com duas lágrimas na face magrinha, murmurou: – Oh, mãe, Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um tão pesado mal, e que tanto queria sarar!», ll. 28-30.
4. Expande as frases seguintes de acordo com as indicações dadas. Escreve a frase na folha da prova identificando-a devidamente.

A	B
4.1 O menino queria ver Jesus.	Acrescentar ao primeiro nome um modificador de nome restritivo.
4.2 A mãe não tinha nenhuma esperança.	Acrescentar ao primeiro nome um modificador de nome apositivo.
4.3 Jesus chegou.	Acrescentar um modificador de grupo verbal.

5. Observa a frase: *O mendigo garantiu à pobre mulher que ninguém encontrava Jesus.*
 - 5.1 Identifica a oração subordinada.
 - 5.2 Classifica-a.
 - 5.3 Identifica o elemento de que depende.
 - 5.4 Refere a sua função sintática relativamente a esse elemento.
6. Observa a frase complexa: *Jesus surgiu à porta da pobre casa logo que o menino enfermo chamou por ele.*

- 6.1 Identifica a única afirmação falsa copiando a alínea respetiva para a folha da prova.

- | |
|---|
| a) A oração subordinada exprime, em relação à subordinante, uma ideia de simultaneidade. |
| b) Trata-se de uma oração subordinada adverbial temporal. |
| c) Se retirada da frase complexa, obtém-se uma frase agramatical. |
| d) Esta oração subordinada adverbial tem a função sintática de modificador [de grupo verbal]. |

- 6.2 Corrige-a na folha da prova.

GRUPO III

Escreve um texto com um mínimo de 180 palavras e um máximo de 240 no qual apresentes uma reflexão sobre a seguinte afirmação: *A esperança, num mundo em crise como o nosso, ajuda-nos a viver a todos, ajuda especialmente os jovens.*

O teu texto deve apresentar uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

Teste 3

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Olhar para a morte medieval respeitando as características particulares da sociedade de então exige, antes de mais, esclarecer três coisas que ela nunca foi: privada, individual, definitiva. De facto, talvez se tenha de dizer que a morte foi um dos cenários mais públicos e comunitários da vida medieval, caracterizada ainda pela coexistência de mortos e vivos. E isto porque a forma como a morte era então encarada estava nas antípodas da ideia de «fim» e o momento que inaugurava era aquele, na vida do cristão, em que mais se precisava de intercessão¹. A morte era a etapa suprema da existência, que marcava a entrada ou na salvação ou na condenação eterna, e o «viático» – alimento para o caminho – era constituído pelas cerimónias, preces² e boas obras que se deixavam ao cargo dos vivos. Os mortos dependiam dos vivos e estes beneficiavam, de diversas maneiras, da ação daqueles: rezando por eles se praticava boas ações; se ganhava intercessores privilegiados junto de Deus; e se cimentavam os laços sociais. Caso os mortos não fossem respeitados, porém, podiam ser perigosos – a falta de caridade para com os defuntos era um dos mais graves perigos para a alma; aqueles que ainda não tinham alcançado descanso³ perturbavam, de forma diversa, o sossego dos vivos. (...)

Em suma, (...) a forma cristianizada de olhar para esta etapa crucial da vida das sociedades foi de uma enorme importância para a coesão do mundo medieval.

José Mattoso, (Dir.), *História da vida privada em Portugal – A Idade Média*, Lisboa, Temas e Debates / Círculo de Leitores, 2010

Vocabulário

¹ pedido de auxílio a Deus, de ajuda para ir para o Paraíso, para salvar a alma, quando a morte se aproximava

² orações

³ ido para o Céu, tendo saído do Purgatório

1. Associa os elementos de ambas as colunas de modo a obteres afirmações verdadeiras e respeitando o sentido do texto. Escreve na folha da prova os números da coluna da esquerda com a alínea da coluna da direita correspondente.

A	B
1.1 A morte não era, na Idade Média, «definitiva», l. 2, porque	a) a vida continuava no Além, salvando-se a alma ou condenando-se para a eternidade.
1.2 A morte não era, na Idade Média, «privada», l. 2, porque	b) depois da morte o falecido não tinha outras obrigações a não ser adorar Deus no Céu.
1.3 A morte não era, na Idade Média, «individual», l. 2, porque	c) esperava-se que o morto intercedesse junto a Deus pelos vivos, a morte não dizia pois somente respeito ao falecido.
	d) o morto continuava uma vida no Além, intercedendo pelos vivos e esperando que estes rezassem pela sua alma.
	e) o morto continuava uma vida no Além, esperando que rezassem por ele sem nada ter que dar em troca.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1 a 2.5), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

2.1 Com a utilização da expressão «De facto», l. 2, pretende-se

- (A) acrescentar informação da mesma natureza à informação anterior.
- (B) estabelecer um contraste entre a informação posterior e anterior.
- (C) iniciar a exemplificação relativa à informação anterior.
- (D) reforçar a informação dada anteriormente.

2.2 Atenta no segmento textual: «A morte era a etapa suprema da existência, que marcava a entrada ou na salvação ou na condenação eterna (...)», ll. 6-7.

Este segmento apresenta uma evidente ideia de

- (A) possibilidade.
- (B) alternativa.
- (C) adição.
- (D) explicação.

2.3 Atenta na frase: «Os mortos dependiam dos vivos e estes beneficiavam, de diversas maneiras, da ação daqueles (...)», ll. 8-9. A retoma dos dois primeiros nomes nela presentes é efetuada através de dois

- (A) advérbios.
- (B) pronomes.
- (C) determinantes.
- (D) nomes.

2.4 Na expressão «e se cimentavam os laços sociais», l. 10, ocorre uma

- (A) metáfora.
- (B) hipérbole.
- (C) personificação.
- (D) antítese.

2.5 A expressão «falta de caridade», l. 11, pode, segundo o sentido do texto, referir-se a todas as atitudes dos vivos que se seguem, exceto a uma. Identifica-a.

- (A) Não rezar pelos mortos.
- (B) Não praticar boas ações a favor das suas almas.
- (C) Não pedir auxílio às almas dos mortos que estavam junto a Deus, em momentos difíceis.
- (D) Não pensar nos mortos.

Parte B

Lê o texto.

	Anjo	Não se embarca tirania neste batel divinal.	(...)	
	Fidalgo	Não sei por que haveis por mal que entre a minha senhoria...		Fidalgo
5	Anjo	Pera vossa fantasia mui estreita é esta barca.	20	Ao Inferno, todavia! Inferno há i pera mi? Oh triste! Enquanto vivi não cuidei que o i havia. Tive que era fantasia; folgava ser adorado; confiei em meu estado e não vi que me perdia.
	Fidalgo	Pera senhor de tal marca nom há aqui mais cortesia?		
10		Venha a prancha e atavio! Levai-me desta ribeira!		
	Anjo	Não vindes vós de maneira pera entrar neste navio. Essoutro vai mais vazio: a cadeira entrará	25	Venha essa prancha! Veremos esta barca de tristura. Embarque a vossa doçura, que cá nos entenderemos...
15		e o rabo caberá e todo vosso senhorio.	30	Tomarês um par de remos, veremos como remais, e, chegando ao nosso cais, todos bem vos serviremos.

*Teatro de Gil Vicente, apresentação e leitura de
António José Saraiva, Lisboa: Portugalia,
6.ª edição, s/data*

3. Relaciona os tipos de frase e os tempos verbais presentes na terceira fala do Fidalgo, vv. 17 a 26, com o seu objetivo.
4. Atenta nas últimas palavras do Anjo – vv. 11 a 16.
 - 4.1 Explicita a força simbólica dos objetos referidos pelo Anjo, bem como do «senhorio».
5. Justifica a autocaracterização que o Fidalgo faz de si próprio ao utilizar o adjetivo «triste», v. 19, tendo em consideração as suas restantes palavras.
6. Mostra como o eufemismo e a ironia estão presentes nos dois últimos versos da fala do Diabo.

Parte C

Escreve um texto com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual exponhas os teus conhecimentos sobre a conceção do homem medieval cristão relativamente ao mundo depois da morte. Refere, obrigatoriamente, pelo menos uma personagem do *Auto da Barca do Inferno* como apoio do que disseres.

Organiza o teu texto nas três partes habituais: introdução, desenvolvimento, conclusão.

GRUPO II

1. Identifica as diferentes funções sintáticas das palavras ou expressões destacadas nas frases que se seguem.
 - 1.1 Gil Vicente criticou **a sociedade** nos seus autos.
 - 1.2 Enviaram-**nos** dois bilhetes para um espetáculo teatral.
 - 1.3 Esse auto vicentino permanecerá sempre **na nossa memória**.
 - 1.4 Esse auto **vicentino** perdeu-se.
 - 1.5 Entrei **no teatro** para ver esse auto vicentino.
 - 1.6 Vimos o auto. Vimo-**lo** e gostamos dele.
 - 1.7 Pudemos assistir ao espetáculo **tranquilamente**.
 - 1.8 Esse auto foi representado **por essa companhia de teatro** o ano passado com sucesso.
 - 1.9 Tendo visto o auto, constatou mais tarde **o meu primo** que conhecia um dos atores.

2. As orações subordinadas que se seguem são todas relativas. Duas são adjetivas, as outras são substantivas.
 - (A) O Pedro viu o auto que foi escrito por Gil Vicente.
 - (B) Este auto, que foi escrito por Gil Vicente, critica a sociedade da sua época.
 - (C) Quem faz críticas justas merece o nosso respeito.
 - (D) Conheço bem quem representou esse auto.
 - 2.1 Identifica-as todas.
 - 2.2 Classifica-as.
 - 2.3 Indica as suas funções sintáticas.

3. Indica o processo fonológico presente na evolução da palavra <tomarês>, v. 29, para <toma-reis>.

GRUPO III

Escreve um texto que tenha no mínimo 180 palavras e no máximo 240, no qual reflitas sobre a importância do apoio dos familiares quando nos encontramos doentes. Apresenta pelo menos dois argumentos e respetivos exemplos; podes socorrer-te de experiências pessoais ou do teu conhecimento.

Estrutura o teu texto nas três partes habituais: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Teste 4

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Sendo Portugal um país com uma longa linha de costa, onde desde a Idade Média se foram fixando colmeias piscatórias¹ tantas vezes iniciadas por lavradores que vão ao mar, nem por isso se tornaram menos importantes as pescarias em águas interiores. Incomparavelmente menos ricas, estas apresentavam contudo múltiplas vantagens, que advinham da sua distribuição por todo o território, incluindo as
5 terras de interior, e a acessibilidade técnica. Qualquer pessoa aprendia depressa a pescar nos rios, muitas vezes não necessitando de embarcação nem de saber navegar, simplicidade que se estendia ao fabrico e manejo da maior parte das artes e aparelhos empregues na pesca fluvial.

Em muitas regiões de Entre-Douro-e-Minho, a expressão utilizada não é *ir à pesca* mas antes *caçar peixes*, atividade que não constituiria profissão mas sim uma pontual tarefa de recolha, entre outras,
10 empregue como forma de complementar a dieta alimentar recorrendo aos produtos oferecidos pela natureza. Esta pesca de peixes pequenos, de entre os quais são mais citados as trutas, bogas, barbos, escalos, muges e enguias, seria livre nos pequenos cursos de água. (...)

Outro tanto não se pode dizer das espécies migradoras, de abundância sazonal, muito mais valorizadas económica e socialmente. Entre elas sobressaem o chamado solho-rei, que até há poucos anos ainda
15 aparecia no Douro, chegando a pesar mais de cem quilos, bem menores do que o exemplar extraordinário capturado no Tejo e apresentado a D. Dinis, que media 3,4 m e pesava 192,5 kg, tão espantoso que o rei mandou o tabelião lavrar um documento autenticado sobre a ocorrência. O salmão era também muito apreciado pela qualidade e preço que podia atingir. No Minho, até tempos recentes, a sua captura merecia recompensa especial, sendo o primeiro exemplar da cada temporada objeto de festejo e exibição, engalanado com flores. A lampreia tinha lugar na mesa dos reis e grandes senhores. O sável trazia a fartura
20 para todos (...). Muito mais suculentos do que o peixe miúdo, a todos estes se acrescentava o facto de serem colhidos no seu expoente de gordura, quando se preparavam para subir as águas em busca dos locais de desova.

Teresa Soeiro, «Pescadores de terra adentro»,
in *Oceanos*, número 47 / 48, julho / dezembro de 2001, Lisboa, CNCDP (Ligeiramente adaptado e com supressões)

Vocabulário

¹ comunidade de pescadores

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Selecciona, para responderes a cada item (1.1 a 1.4) a única opção que te permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto. Escreve na folha da prova o número do item e a letra que identifica a opção correta.

1.1 O pronome demonstrativo «estas», l. 3, tem como antecedente

- (A) «colmeias piscatórias», l. 2.
- (B) «as pescarias», l. 3.
- (C) «águas interiores», l. 3.
- (D) «múltiplas vantagens», l. 4.

- 1.2** A relação de sentido entre a palavra «peixes», l. 11, e as palavras «trutas, bogas, barbos, escalos, muges e enguias», ll. 11-12, é de
- (A) sinonímia – antonímia.
 - (B) hiperonímia – hiponímia.
 - (C) holonímia – meronímia.
 - (D) meronímia – holonímia.
- 1.3** O segmento sublinhado na frase «(...) o exemplar extraordinário capturado no Tejo e apresentado a D. Dinis, que media 3,4 m e pesava 192,5 kg, tão espantoso que o rei mandou o tabelião lavar um documento autenticado sobre a ocorrência.», ll. 15-17, exprime uma ideia de
- (A) causa.
 - (B) consequência.
 - (C) possibilidade.
 - (D) oposição ou contraste.
- 1.4** A palavra «que» ocorre várias vezes no texto. Uma das quatro afirmações que se seguem é falsa, de acordo com o sentido do texto. Identifica-a.
- (A) A palavra «que», l. 2, refere-se a «colmeias piscatórias», l. 2.
 - (B) A palavra «que», l. 4, refere-se a «múltiplas vantagens», l. 4.
 - (C) A palavra «que», l. 6, refere-se a «simplicidade», l. 6.
 - (D) A palavra «que», l. 9, refere-se a «atividade», l. 9.
- 2.** Das quatro afirmações seguintes, só uma não pode ser comprovada no texto. Identifica-a escrevendo a alínea respetiva na folha da prova.
- (A) Frequentemente, as comunidades de pescadores eram fundadas por lavradores que se aventuravam a pescar.
 - (B) O grau de dificuldade na pesca fluvial e na pesca marítima era idêntico.
 - (C) A pesca fluvial mais não era do que uma atividade entre várias outras tendentes a conseguir uma dieta alimentar mais variada.
 - (D) O peixe migrador mais consumido pela generalidade da população era o sável.

Parte B

75

A nau grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o *masto* pelo meio,
Quase toda alagada; a gente chama
Aquele que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vão ao ar derrama
Toda a nau de Coelho, com receio,
Conquanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que desse o vento.

(continua)

(continuação)

76

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo;
Agora a ver parece que *deciam*
As íntimas entranhas do Profundo;
Noto, Austro, Bóreas, Áquilo queriam
Arruinar a máquina do Mundo:
A noite negra e feia se alumia
Cos raios em que o Pólo todo ardia!

[...]

79

Quantos montes, então, que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas árvores velhas arrancaram
Do vento bravo as fúrias *indinadas*!
As forçosas raízes não cuidaram
Que nunca pera o céu fossem viradas,
Nem as fundas areias, que pudessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição organizada por
Emanuel Paulo Ramos Porto, Porto Editora, 2011

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

3. Identifica o episódio de *Os Lusíadas* ao qual correspondem estas estâncias.
4. Explicita a ação que o «mestre» referido na primeira estância levou a cabo, justificando-a.
5. Mostra como na segunda estrofe ocorre uma forte impressão de movimento. Refere os dois recursos expressivos nela presentes que para isso contribuem.
6. Atenta na última estância. Identifica, justificando, o recurso expressivo que nela mais contribui para a expressão da violência dos «mares».

Parte C

Escreve um texto expositivo com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual refiras a presença e a importância dos deuses pagãos em *Os Lusíadas*.

Estrutura o teu texto considerando as três partes habituais: introdução, desenvolvimento e conclusão.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem de acordo com as instruções que te são dadas.

1. Ao passares para o plural a frase **A** *minha amiga não foi contigo* **a** *Paris*, uma das duas palavras destacadas não sofre qualquer alteração.
 - 1.1 Identifica-a e justifica.

2. Lê a frase seguinte:

Nós visitaremos essa cidade no próximo ano.

- 2.1 Reescreve-a na forma negativa, substituindo a expressão sublinhada por um pronome adequado.

3. Classifica a forma verbal sublinhada na frase seguinte, indicando pessoa, número, tempo e modo.

Seria possível que ele tivesse cometido esse crime?

4. Nas frases que se seguem existem todas as funções sintáticas presentes na tabela, com exceção de duas. Identifica-as copiando para a folha da prova as respetivas alíneas.

- (A) Esse gestor adquiriu rapidamente vários apartamentos.
- (B) O grande apartamento da rua D. Pedro IV foi muito caro.
- (C) Venderam-me anteontem esse apartamento.
- (D) Tive de ir a Braga para o comprar.

Funções sintáticas

- a) sujeito b) predicado c) complemento direto d) complemento indireto
- e) complemento agente da passiva; f) modificador de nome restritivo; g) modificador
- h) complemento oblíquo; i) vocativo j) predicativo do sujeito

5. As orações subordinadas presentes nas frases complexas

Desde que me indiques o caminho, irei até lá.

e

Desde que visitei aquela cidade, penso em lá voltar.

são, respetivamente,

- (A) uma oração subordinada adverbial condicional e uma oração subordinada adverbial temporal.
- (B) uma oração subordinada adverbial temporal e uma oração subordinada adverbial condicional.
- (C) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração subordinada adverbial temporal.
- (D) uma oração subordinada adverbial final e uma oração subordinada adverbial temporal.

Copia para a folha da prova a alínea que consideras corresponder à resposta correta.

GRUPO III

Viajar é sempre uma forma de aprendizagem.

Escreve um texto de opinião sobre a importância das viagens para o desenvolvimento pessoal e para o desenvolvimento das relações com quem viaja connosco. No teu texto, deves procurar convencer o leitor de que viajar permite esses tipos de desenvolvimento.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Teste 5

GRUPO I

Parte A

Lê o texto.

A infância: 5-9 anos

A partir do quinto ano de vida, as crianças passam a dar um crescente valor à amizade.

A fase entre os cinco e os nove anos de idade é marcada pelo desenvolvimento psicológico da criança. Esta continua a desenvolver-se fisicamente, lenta e gradualmente, mas, acima de tudo, desenvolve-se e amadurece social, emocional e mentalmente.

- 5 Na maioria das sociedades, as crianças já aprenderam regras e padrões de comportamento básicos por volta do quinto ano de vida. Elas aprendem então a discernir se uma dada ação é certa ou errada. A vida social da criança passa a ser cada vez mais importante, e é comum nesta faixa etária que ela encontre o que se chama o melhor amigo / a melhor amiga.

- Na maioria dos países, as crianças precisam de ir à escola, geralmente a partir do sexto ou do sétimo ano de vida. (...) As regras básicas da sociedade são mais bem compreendidas. É dada ênfase à capacidade de resolução de problemas, uma capacidade que é aperfeiçoada com o passar do tempo. A racionalização também é uma capacidade que é aprendida e constantemente melhorada. Até ao quinto ou sexto ano de vida, as crianças muitas vezes procuram resolver problemas através da primeira solução – certa ou não, racional ou não – que vem à sua mente. Após o quinto ou o sexto ano de vida, a criança passa a procurar
- 10 diversas soluções, e a reconhecer a solução correta ou aquela que mais se aplica à resolução do problema.

- Por volta dos sete ou oito anos de idade, as crianças passam a racionalizar os seus pensamentos e as suas crenças, procurando as razões, os porquês por trás de um problema ou de um facto. Assim, as próprias crianças passam a analisar os padrões de comportamento ensinados pela família e pela sociedade. Além disso, a partir dos seis anos de idade, as crianças passam a comparar-se com outras crianças da
- 20 mesma faixa etária. Estes dois factos, aliados ao crescimento da vida social da criança, diminuem a importância dos pais e da família como modelos de comportamento da criança, e aumentam a importância dos amigos e dos professores.

- A comparação que uma dada criança faz de si mesma com outra também afeta a autoimagem e a autoestima da criança – a opinião que uma pessoa tem de si mesma. O tipo de autoimagem formada durante
- 25 a infância pode influenciar o comportamento desta pessoa na adolescência e na vida adulta. As crianças passam a desenvolver a autoimagem após os três anos de idade, à medida que se identificam com os seus pais, parentes, e posteriormente, pessoas próximas. Esta autoimagem pode ser positiva ou negativa, dependendo das atitudes e das emoções das pessoas com as quais a criança se identifica. Crianças com autoimagens positivas geralmente possuem boas impressões de seus pais e uma ativa vida social; por outro
- 30 lado, autoimagens negativas costumam ser fruto de famílias disfuncionais, onde o relacionamento entre e os seus membros é problemático. A comparação que uma criança faz em relação a outras pode alterar esta autoimagem. Além disso, vários outros fatores podem influenciar o comportamento de uma criança, como o abuso infantil, problemas de ordem social e psicológica (vítima de agressão na escola, por exemplo) e eventos marcantes (perda de um parente ou amigo, por exemplo).

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Crian%C3%A7a> (Texto adaptado e com supressões. Consultado em 24.12.2012)

1. Identifica a única afirmação incorreta, de acordo com o sentido do texto.

Pela leitura do texto pode afirmar-se que

- (A) o desenvolvimento da criança entre os cinco e os nove anos de vida caracteriza-se por ser principalmente um desenvolvimento de cariz social, mental e emocional.
- (B) o facto de as crianças iniciarem a sua escolaridade beneficia-as relativamente ao seu desenvolvimento social.
- (C) os comportamentos da família em particular e da sociedade em geral são atentamente observados pelas crianças e influenciam o seu desenvolvimento.
- (D) o desenvolvimento da criança passa pelo confronto que faz entre si própria e as outras crianças.
- (E) não é evidente a relação entre o comportamento de uma criança e o entorno familiar.
- (F) as crianças são muito sensíveis a tudo o que ocorre à sua volta, podendo ser influenciadas no seu desenvolvimento num sentido positivo ou num sentido negativo.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1 a 2.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- 2.1 O segundo parágrafo do texto apresenta dois períodos separados por um ponto final, ll. 2 a 4; a relação entre estes dois períodos caracteriza-se por o segundo período apresentar

- (A) uma consequência do que é dito no anterior.
- (B) um contraste relativamente ao primeiro.
- (C) informação de natureza idêntica à do primeiro: o desenvolvimento da criança, embora de tipo diferente.
- (D) informação de natureza idêntica à do primeiro: o desenvolvimento da criança.

- 2.2 No quinto parágrafo, ll. 16 a 22, várias expressões estão ligadas ao conceito de racionalização nele referido. Todas as que se seguem estão também, com exceção de uma. Identifica a alínea respetiva.

- (A) «procurando razões», l. 17.
- (B) «analisar os padrões de comportamento», l. 18.
- (C) «comparar-se com outras crianças», l. 19.
- (D) «crescimento da vida social da criança», l. 20.

- 2.3 Todas as palavras ou expressões a seguir indicadas referem-se a outras à sua esquerda, com exceção de uma, que não tem qualquer antecedente. Identifica-a.

- (A) «Esta», l. 3. (B) «que», l. 12. (C) «estes dois factos», l. 20. (D) «à medida que», l. 26.

- 2.4 O conector «por outro lado», ll. 29-30, tem como função

- (A) marcar um contraste.
- (B) estruturar a informação.
- (C) iniciar a expressão de uma possibilidade.
- (D) apresentar uma alternativa.

Parte B

Lê o texto. Consulta o vocabulário se necessário.

O RECREIO

Na Minh 'Alma há um balouço
Que está sempre a balouçar –
Balouço à beira dum poço,
Bem difícil de montar...

5 – E um menino de bibe
Sobre ele sempre a brincar...

Se a corda se parte um dia
(E já vai estando esgarçada¹),
Era uma vez a folia:

10 Morre a criança afogada...

– Cá por mim não mudo a corda
Seria grande estopada²...

Se o indez³ morre, deixá-lo...
Mais vale morrer de bibe

15 Que de casaca⁴... Deixá-lo
Balouçar-se enquanto vive...

– Mudar a corda era fácil...
Tal ideia nunca tive...

Vocabulário

¹ muito gasta, quase a rebentar

² aborrecimento

³ palavra popular que designa um ovo que é deixado no ninho de uma galinha para que ele nunca fique vazio e ela lá continue a pôr ovos

⁴ parte de um traje de adulto

Mário de Sá-Carneiro, *Poemas Completos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1996

3. Identifica todas as palavras que se podem incluir no campo lexical de infância.
4. Uma só palavra, no poema, aponta para uma fase da vida que não é a infância. Identifica-a e justifica.
5. Atenta nos versos «Mais vale morrer de bibe / Que de casaca...», vv. 14 e 15. Escreve na folha da prova a alínea que corresponde a uma opção incorreta, tendo em consideração todo o poema. Estes versos
 - (A) indiciam uma recusa do estado adulto.
 - (B) privilegiam a fase da vida a que se chama infância.
 - (C) recusam o tempo da infância.
 - (D) reconhecem a infância como um tempo de felicidade.
6. Na última estrofe o sujeito poético faz uma confissão. Explicita-a e justifica-a.

Parte C

Escreve um texto de opinião no qual procures indicar as razões que levam muitos poetas a valorizar o tempo da infância e a desvalorizar a fase da vida adulta.

O teu texto, que deve ter no mínimo 70 palavras e no máximo 120, deverá apresentar-se estruturado nas três partes habituais.

GRUPO II

1. Nas frases seguintes ocorrem palavras ou expressões destacadas. Uma só não tem a função sintática de predicativo do sujeito. Identifica-a.
 - 1.1 Aquele menino tornou-se **muito agressivo**.
 - 1.2 Aquele menino estava **na sala de aula**.
 - 1.3 Estava **esse menino** em casa quando tudo aconteceu.
 - 1.4 O menino continua **adoentado**.
2. Explicita a regra que obriga à existência das duas vírgulas presentes na frase seguinte: **Vem cá, menino, depressa!**
3. Das quatro frases seguintes, só uma apresenta uma forma verbal no condicional composto. Identifica-a.
 - (A) O menino foi visto na rua ontem.
 - (C) Por certo terão visto o menino na rua ontem.
 - (B) Terá o menino sido visto na rua ontem?
 - (D) Eles teriam visto o menino ontem.
4. Reescreve a frase **Eles teriam visto o menino**,
 - a) substituindo o complemento direto por um pronome pessoal.
 - b) na forma negativa, substituindo o complemento direto por um pronome pessoal.
5. Identifica a oração subordinada presente na frase: **Quem viu o menino nada disse**.
 - 5.1 Classifica-a.
 - 5.2 Refere a sua função sintática na frase complexa.
6. Transforma o par de frases simples seguinte numa frase complexa, utilizando a conjunção subordinativa consecutiva:
 - a) O menino é tão bonito! Todos querem pegar nele ao colo.
7. Transforma o par de frases simples seguinte numa frase complexa, utilizando o pronome relativo invariável.
 - a) O menino está aqui. O menino é meu sobrinho.
8. Indica a função sintática das duas palavras destacadas nas frases seguintes:
 - a) O menino **que** tu viste é meu primo.
 - b) Vi o menino **que** é meu primo.

GRUPO II

«Mas o melhor do mundo são as crianças», escreveu Fernando Pessoa.

Escreve um texto no qual argumentes a favor de se dar às crianças a melhor vida possível, tendo em consideração que serão os adultos do futuro. Apresenta pelo menos dois argumentos que justifiquem as tuas opiniões.

O teu texto, que deve estar estruturado nas três secções habituais, deve ter no mínimo 180 palavras e no máximo 240.

GRUPO I

Parte A

Lê o texto seguinte.

A TERRA

O clima

Em Portugal, a diversidade climática é grande, apesar de não sair fora do quadro mediterrânico, isto é, de um ritmo anual que opõe um verão quente e seco a uma estação fresca com chuvas repartidas irregularmente. No Noroeste, a duração do verão sem chuvas é curta, ao ponto de, em certos anos, desaparecer por completo; no extremo sul do país, pelo contrário, a estação seca dura mais de metade do ano. Também se pode opor a tepidez quase constante da atmosfera nas regiões litorais aos grandes contrastes térmicos entre dia e noite e entre verão e inverno, que se observam no Interior. (...)

O povoamento

O que acabamos de ver acerca do solo português e da paisagem física contribui para explicar, por um lado, que os pontos de concentração populacional não se distribuem uniformemente pelo território, e, por outro, que os homens se associem em conjuntos culturais diferenciados. (...)

A distribuição dos habitantes em núcleos densos ou em casas dispersas estava já regionalmente bem definida em 1527. Por exemplo, em Entre-Douro-e-Minho, apenas 21% da população se concentrava em «lugares juntos», enquanto os 79% restantes viviam dispersos em «casais». Pelo contrário, em Trás-os-Montes, 90% dos moradores viviam aglomerados (...).

Em 1527 já existia na Beira Central uma multidão de pequenos concelhos rurais, cada um deles encabeçado por uma «vila» mesmo quando as suas dimensões não ultrapassavam as de uma simples aldeia. A maioria deles perdurou até ao século XIX. Por isso, quando o governo liberal tentou racionalizar a rede administrativa suprimiu grande parte deles e anexou-os aos mais importantes dos seus vizinhos. Na Estremadura, a rede de aldeias e vilas já se encontrava instalada no século XVI, e o crescimento posterior da população iria fazer-se sobretudo por dispersão intercalar, até provocar o emaranhado tipo de povoamento que caracteriza a mesma província e que a urbanização difusa recente veio tornar ainda mais complicado. (...).

A urbanização

É preciso distinguir nitidamente as vilas ou pequenas cidades, que têm apenas um papel de animação local, dos grandes centros urbanos, com funções nacionais ou regionais. A localização daquelas explica-se, na maior parte dos casos, por razões económicas de abastecimento ou de trocas, num âmbito espacial reduzido, baseadas nos contrastes naturais que marcam os seus arredores. Em Trás-os-Montes, Orlando Ribeiro fez notar que os pequenos centros urbanos se associam quase sistematicamente a depressões férteis, onde o clima mais ameno e a abundância de água permitem o regadio das culturas que abastecem o mercado urbano.

(continua)

As regiões

A desigualdade da distribuição demográfica, da implantação urbana, e da rede de comunicações cria, desde logo, desequilíbrios espaciais de grande amplitude. Portugal é nitidamente um país desigual. Quando alguns dos seus habitantes do Interior se queixam de terem
35 piores condições de vida e menos oportunidades do que os do Litoral, estão a exprimir uma diferença que dificilmente se poderá considerar imaginária.

AA. VV., *Portugal – O sabor da terra*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1997

1. Identifica a única afirmação falsa relativa ao texto, escrevendo a alínea respetiva na folha da prova.

- (A) Embora o clima português apresente variedade, não deixa de se inserir, na globalidade, num determinado tipo de clima.
- (B) O modo como as pessoas se organizaram para viver em Portugal é, desde há séculos, uniforme.
- (C) No século XIX o poder político racionalizou determinado tipo de divisão administrativa através de um processo de associação.
- (D) O geógrafo Orlando Ribeiro estabeleceu relações de causa entre a localização de certos centros urbanos e condições próximas favorecedoras da atividade agrícola.
- (E) As condições de vida das populações apresentam, em Portugal, grandes diferenças entre o litoral e o interior.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1 a 2.5), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreve na folha da prova o número do item e a letra que identifica a opção correta.

2.1 Com a utilização do conector «isto é» (linha 2) o enunciador pretende iniciar a apresentação de uma

- (A) causa.
- (B) explicação.
- (C) consequência.
- (D) possibilidade.

2.2 A conjunção presente na frase «A distribuição dos habitantes em núcleos densos ou em casas dispersas estava já regionalmente bem definida em 1527.» (linhas 12 e 13) exprime

- (A) alternativa.
- (B) adição.
- (C) conclusão.
- (D) explicação.

- 2.3 A «província» referida na frase «o emaranhado tipo de povoamento que caracteriza a mesma província» (linhas 22 e 23), é
- (A) o Minho.
 - (B) o Douro.
 - (C) Trás-os-Montes.
 - (D) a Beira.
- 2.4 O pronome relativo presente na frase «o clima mais ameno e a abundância de água permitem o regadio das culturas que abastecem o mercado urbano.» (linhas 29 a 31) tem o seu antecedente
- (A) imediatamente à sua esquerda.
 - (B) à sua esquerda, mas não imediatamente.
 - (C) à sua direita.
 - (D) no parágrafo anterior.
- 2.5 Na frase «**Quando** alguns dos seus habitantes do Interior se queixam de terem piores condições de vida e menos oportunidades do que os do Litoral, estão a exprimir uma diferença **que** dificilmente se poderá considerar imaginária.», as duas palavras destacadas são, respetivamente
- (A) uma conjunção subordinativa causal e um pronome relativo.
 - (B) uma conjunção subordinativa concessiva e uma conjunção subordinativa causal.
 - (C) uma conjunção subordinativa condicional e uma conjunção subordinativa completiva.
 - (D) uma conjunção subordinativa temporal e um pronome relativo.

Parte B

Lê o texto.

[Não sei como dizer-te que a minha voz te procura]

Não sei como dizer-te que a minha voz te procura
e a atenção começa a florir, quando sucede a noite
esplêndida e vasta.
Não sei o que quer dizer, quando longamente teus pulsos
5 se enchem de um brilho precioso
e estremeces como um pensamento chegado. Quando,
iniciado o campo, o centeio imaturo ondula tocado
pelo pressentir de um tempo distante,
e na terra crescida os homens entoam a vindima
10 – eu não sei como dizer-te que cem ideias,
dentro de mim, te procuram.

Quando as folhas de melancolia arrefecem com astros
ao lado do espaço
e o coração é uma semente inventada
15 em seu escuro e em turbilhão de um dia,
tu arrebatas os caminhos da minha solidão
como se toda a minha casa ardesse pousada na noite.
– E então não sei o que dizer
junto à taça de pedra do teu tão jovem silêncio.
20 Quando as crianças acordam nas luas espantadas
que às vezes se despenham no meio do tempo
– não sei como dizer-te que a pureza,
dentro de mim, te procura.

Durante a primavera inteira aprendo
25 os trevos, a água sobrenatural, o leve e abstrato
correr do espaço –
e penso que vou dizer algo cheio de razão,
mas quando a sombra cai da curva sôfrega
dos meus lábios, sinto que me falta
30 um girassol, uma pedra, uma ave – qualquer
coisa extraordinária.
Porque não sei como dizer-te sem milagres
que dentro de mim é o sol, o fruto,
a criança, a água, o leite, a mãe,
35 o amor,
que te procuram.

Herberto Helder, *A colher na boca*, Lisboa, Ática, 1961

3. Apresenta sugestões sobre possíveis destinatários do poema, justificando.

4. Justifica a utilização da repetição anafórica da expressão «Não sei».

5. Atenta na primeira estrofe.

5.1 Transcreve pelo menos cinco das palavras que o sujeito poético selecionou para sugerir os seus sentimentos.

6. Identifica os recursos expressivos presentes nos versos 16 e 17

«tu arrebatas os caminhos da minha solidão
como se toda a minha casa ardesse pousada na noite.»

6.1 Explica a expressividade de pelo menos um deles.

7. Explicita a dificuldade sentida e apresentada na terceira estrofe pelo sujeito poético.

Parte C

Escreve um texto com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras no qual apresentes uma pessoa de quem gostes muito, justificando o que sentes por essa pessoa com motivos de vária ordem.

O teu texto deve apresentar uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

GRUPO II

1. Indica as funções sintáticas das palavras, expressões ou orações subordinadas destacadas nas frases.

1.1. Esse poeta **português** escreveu pouco.

1.2. Li um livro de poesia **que ele escreveu em 1930**.

1.3. O livro foi também lido pouco depois **pelo meu irmão**.

1.4. **Logo que acabou de o ler**, o meu irmão emprestou esse livro a um amigo.

1.5. **Quem ler esse livro** nunca o esquecerá.

1.6. – Gostei muito desse livro – disse-me há dias em Guimarães **o meu primo**.

1.7. **Atualmente** posso ler os livros desse poeta.

1.8. Um dos meus amigos afirmou **que não tinha lido o livro**.

2. Das três orações subordinadas presentes nas frases complexas seguintes, só uma exprime uma possibilidade. Identifica-a.

(A) Caso visites essa cidade, deves procurar a casa onde residiu esse poeta.

(B) Logo que chegues à cidade, visita a casa do poeta.

(C) Sempre que lá vou, visito essa casa.

3. Identifica a afirmação correta relativa à frase «Esse livro de poemas é tão importante que influenciou vários poetas».
- (A) A oração subordinada exprime uma consequência.
 - (B) A oração subordinada exprime uma eventualidade.
 - (C) A oração subordinada exprime uma causa.
4. Atenta na frase: *O meu irmão lê esse livro e o outro*. Reescreve-a na folha da prova,
- (A) pronominalizando o sujeito e o complemento.
 - (B) pronominalizando o sujeito e o complemento e com o verbo no futuro composto.
 - (C) pronominalizando o complemento e com o verbo no condicional composto – forma negativa.
5. Classifica o tipo de sujeito de ambas as formas verbais presentes na frase *Disseram-me que esse poeta e um amigo dele editaram uma revista literária*.
6. Das contrações de preposições com outras classes de palavras que se seguem, só uma pode integrar um complemento indireto. Identifica-a.
- (A) deles.
 - (B) aos.
 - (C) nos.
 - (D) pelas.

GRUPO III

Escreve um texto com um mínimo de 180 palavras e um máximo de 240 no qual apresentes argumentos a favor da importância da leitura de todos os tipos de texto na adolescência. Deves comprovar, recorrendo a experiências pessoais ou a situações de que tenhas conhecimento, que a leitura contribui para o desenvolvimento dos jovens.

O teu texto deve ter uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

Testes

TESTE 1

GRUPO I

Parte A

1. (B); (C); (D); (A); (E).

2.

2.1 (B); 2.2 (C); 2.3 (D).

Parte B

3. O narrador não participou desse entusiasmo pois entendia que a hora a que ocorreu era imprópria: o que ele queria fazer às três da manhã era dormir.

4. O narrador assume uma atitude irónica no primeiro parágrafo ao apresentar a outra face da moeda do entusiasmo – o frio –, o qual fazia com que as pessoas curiosas se sentissem mal; a ironia, o ridículo, deriva desta situação.

5.

5.1 Trata-se de uma comparação entre o que se podia divisar da ilha e «um monte de lama».

6. Houve uma divergência de opiniões entre os passageiros relativamente a um pormenor da ilha que se avistava à distância. Para se resolver o diferendo, toda a gente queria ter acesso a binóculos.

Parte C – resposta livre.

GRUPO II

1. a) «se»: conjunção subordinativa completiva; «no»: contração da preposição *em* com o determinante artigo definido *o*; «navio»: nome comum; «embora»: conjunção subordinativa concessiva.

b) «lhes»: pronome pessoal; «que»: conjunção subordinativa completiva; «quatro»: quantificador numeral cardinal.

c) «me»: pronome pessoal; «para»: conjunção subordinativa final; «se»: conjunção subordinativa completiva; «já»: advérbio; «para»: preposição.

2.

2.1 (B); 2.2 (D); 2.3 (E); 2.4 (A); 2.5 (G); 2.6 (F); 2.7 (C).

3. (C).

3.1 Oração subordinada adverbial concessiva.

4.

4.1 a) Entrega-mas! b) Não mas entregues!

4.2 a) Ele entregar-lhe-á as instruções de navegação.

b) Ele entregá-las-á ao capitão do navio.

c) Ele entregar-lhas-á.

4.3 a) Ele não lhe tinha entregado as instruções.

b) Ele não lhas tinha entregado.

c) Ele tinha-lhe entregado as instruções / Ele tinha-lhas entregado.

GRUPO III – resposta livre.

TESTE 2

GRUPO I

Parte A

1. 1.1 (C); 1.2 (A); 1.3 (A); 1.4 (C); 1.5 (C).

Parte B

2. O primeiro espaço é um espaço exterior, um monte («cerro», l. 1), estéril, caracterizado por ter uma vegetação raquítica, sem erva e com uma figueira seca; o segundo espaço é interior, o «casebre», l. 1, onde moram mãe e filho, caracterizado pela absoluta miséria.

3. Tanto os espaços como as personagens apresentam evidentes sinais de identidade já que ao espaço miserável correspondem duas personagens miseráveis também: a mãe, mulher «desgraçada» (l. 2) em extremo, e o filho entevado.

4. A atitude da mulher de «olhos famintos» justifica-se dado o enorme interesse que demonstrou, através do olhar, na pessoa de quem ouviu falar, uma vez que se encheu de esperança que essa pessoa a pudesse libertar, bem como ao seu filho, do estado miserável em que viviam e, principalmente, da doença do filho.

5. O primeiro argumento diz respeito ao facto de a mãe não poder deixar o filho sozinho naquela situação para ir procurar Jesus; o segundo argumento diz respeito ao facto de, dada a sua miserável condição, ninguém lhe dar atenção e não lhe dizerem onde poderia encontrar Jesus; o terceiro e último argumento prende-se com o facto de Jesus não ter atendido gente rica e poderosa e, portanto, muito menos a atenderá a ela.

6. Resposta livre.

Parte C – resposta livre.

GRUPO II

1.

1.1 Palavra derivada por sufixação.

2. «como qualquer desgraçado (era)» – oração subordinada adverbial comparativa.

3. A criança (...) murmurou à mãe que Jesus amava todos os pequeninos e que ele era ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar.

4.

4.1 O menino infeliz queria ver Jesus.

4.2 A mãe, desgraçada, não tinha nenhuma esperança.

4.3 Jesus chegou inesperadamente.

(outras soluções são possíveis)

5.

5.1 «que ninguém encontrava Jesus».

5.2 oração subordinada substantiva completiva.

5.3 «garantiu».

5.4 complemento direto.

6.

6.1 c).

6.2 Se retirada, obtém-se uma frase gramaticalmente correta, uma vez que esta oração subordinada tem a função sintática de modificador [de GV].

TESTE 3

GRUPO I

Parte A

1. 1.1 d); 1.2 a); 1.3 c).

2. 2.1 (D); 2.2 (B); 2.3 (B); 2.4 (A) 2.5 (D).

Parte B

3. O objetivo do Fidalgo é entrar na barca do Paraíso; entende que tem esse direito por ser quem é; por isso utiliza uma forma verbal no modo imperativo («Levai-me»), outra («Venha») para expressar uma ordem, o que é próprio de quem está habituado a ser obedecido; por outro lado, usa uma frase de tipo interrogativo («Pera senhor de tal marca / nom há aqui mais cortesia?»), para realçar o seu estatuto social: sendo quem é, tudo lhe é devido, até ir para o Céu.

4.

4.1 Os objetos referidos pelo Anjo são a «cadeira» e «o rabo»: ambos simbolizam o estatuto social do Fidalgo. Ao referi-los, o Anjo torna-os em símbolos do poder do Fidalgo, logo, dos seus pecados impossibilitando a sua ida para o Céu. O «senhorio» é a riqueza do Fidalgo, tudo o que possui e que faz dele quem é – como pecador, o que também o impede de entrar na barca da Glória.

5. «Triste» significa, neste contexto, desgraçado: a desgraça do Fidalgo deriva de se reconhecer já condenado ao Inferno, pois, como ele diz, nunca pensou que tal espaço lhe pudesse estar reservado.

6. O eufemismo concretiza-se na expressão «nosso cais», que se refere de modo mais suave ao Inferno. Quanto à ironia, está presente na utilização do verbo «servir»: habituado a ser servido, o Fidalgo vai encontrar, no Inferno, um serviço bem diferente...

Parte C – resposta livre.

GRUPO II

1.

1.1 complemento direto («a sociedade»).

1.2 complemento indireto («nos»).

1.3 predicativo do sujeito («na nossa memória»).

1.4 modificador de nome restritivo («vicentino»).

1.5 complemento oblíquo («no teatro»).

1.6 complemento direto («[l]o»).

1.7 modificador [de GV] («tranquilamente»).

1.8 complemento agente da passiva («por essa companhia de teatro»).

1.9 sujeito («o meu primo»).

2.

2.1 (A) «que foi escrito por Gil Vicente»; (B) «que foi escrito por Gil Vicente»; (C) «Quem faz críticas justas»; (D) «quem representou esse auto».

2.2 (A) oração subordinada adjetiva relativa restritiva; (B) oração subordinada adjetiva explicativa; (C) oração subordinada substantiva relativa [sem antecedente]; (D) oração subordinada substantiva relativa [sem antecedente].

2.3 (A) modificador de nome restritivo; (B) modificador de nome apositivo; (C) sujeito; (D) complemento direto.

3. Adição do <i> no interior da palavra (dando lugar a um ditongo) – epêntese.

GRUPO III – resposta livre.

TESTE 4

GRUPO I

Parte A

1. 1.1 (C); 1.2 (B); 1.3 (B); 1.4 (A).

2. (B).

Parte B

3. Estas estâncias pertencem ao episódio da Tempestade.
4. O mestre foi prudente: a experiência fez com que, antes de a ventania chegar, tivesse mandado amainar as velas, isto é, descê-las, de modo a que o barco ficasse mais seguro, já que o vento não poderia dar nas velas com tal força que elas se inclinassem e fizessem adernar perigosamente a nau, possibilitando a entrada de água.
5. A forte impressão de movimento é sugerida através da anáfora «Agora» / «Agora», vv. 1 e 3, e da antítese que contrasta a descida da frágil nau nas ondas e a sua subida, vv. 1 a 4. Os dois recursos associam-se para mostrar a força da tempestade e a fragilidade da nau à mercê da tempestade.
6. Trata-se da personificação: elementos vegetais como as fortes «raízes», v. 5, ao serem arrancadas pela força dos elementos, espantam-se com essa situação que nunca acreditaram ser possível – vv. 5 e 6; por outro lado, elementos minerais, como as «fundas areias», espantam-se também, nos dois últimos versos, com a sua nova localização: em vez de permanecerem no fundo do mar, estão agora «em cima».

Parte C – resposta livre.

GRUPO II

- 1.
- 1.1 A segunda ocorrência da palavra destacada não sofre qualquer alteração: enquanto a primeira varia em número, pois é um determinante artigo, a segunda não varia por se tratar de uma preposição.
- 2.
- 2.1 Nós não a visitaremos no próximo ano.
3. Forma do verbo *cometer* no pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo, terceira pessoa do singular.
4. i) e j).
5. (A).

GRUPO III – resposta livre.

TESTE 5**GRUPO I****Parte A**

1. (E).

2.

2.1 (C); 2.2 (D); 2.3 (D); 2.4 (B).

Parte B

3. «balouço» (vv. 1, 3); «bibe» (vv. 5, 14); «brincar» v. 6; «menino» v. 5; «criança» v. 10.
4. «casaca», v. 15: trata-se de uma peça de vestuário de um homem adulto.
5. (C).
6. Confessa nunca ter tido a ideia de mudar a corda que está em mau estado, em risco de rebentar. Se a não quer mudar, e dado que está em cima de um poço, se a corda rebentar, cairá no poço e poderá morrer. Estes versos, também pelo sinal de pontuação com que terminam, mostram uma indiferença do sujeito poético perante a morte, talvez mesmo uma pulsão, um impulso para a morte.

Parte C – resposta livre.

GRUPO II

- 1.
- 1.3 «esse menino» tem a função sintática de sujeito da forma verbal «estava».
2. Como a palavra «menino» tem a função sintática de vocativo em posição medial na frase, tem de estar isolada por duas vírgulas.
3. (D).
- 4.
- a) Eles tê-lo-iam visto.
- b) Eles não o teriam visto.
5. «Quem viu o menino».
- 5.1 Oração subordinada substantiva relativa [sem antecedente].
- 5.2 Sujeito de «nada disse».
- 6.
- a) O menino é tão bonito que todos querem pegar nele ao colo.
- 7.
- a) O menino que está aqui é meu sobrinho.
ou
Está aqui o menino que é meu sobrinho.

8.

- a) Complemento direto.
- b) Sujeito.

GRUPO III – resposta livre.

PROVA FINAL

1. (B).

2. 2.1 (B); 2.2 (A); 2.3 (D); 2.4 (A); 2.5 (D).

Parte B

- 3. Resposta livre. Contudo, o poema permite apresentar como destinatários um filho, a mãe, uma pessoa amada..., dada a linguagem dirigida ao destinatário.
- 4. A repetição anafórica justifica-se porque o sujeito poético confessa, por várias vezes, não saber como expressar o amor que tem por essa pessoa.
- 5.
 - 5.1 «florir», v. 2; «brilho precioso», v. 5; «campo», v. 8; «Centeio», v. 8; «vindima», v. 9.
- 6.
 - 6.1 Os recursos expressivos são a comparação e a metáfora. Através da comparação, o sujeito poético sugere que a sua «solidão» acaba com a presença do destinatário dos seus versos. Esta comparação está intimamente ligada às metáforas «ardesse» e «pousada»: estas metáforas sugerem o fim da solidão do sujeito poético.

- 7. O sujeito poético propõe-se dizer a alguém o grande amor que lhe tem, prepara-se com um conjunto de palavras (vv. 25 e 26) que entende ser apropriado a esse fim; contudo, esse conjunto não é suficiente e ele tem de o enriquecer – vv. 30, 33 a 35. Mas mesmo todas estas palavras não são ainda suficientes para ele expressar o que sente: só através de «milagres» (v. 32) o conseguirá.

Parte C – resposta livre.

GRUPO II

1.

- 1.1 Modificador de nome restritivo.
- 1.2 Modificador de nome restritivo.
- 1.3 Complemento agente da passiva.
- 1.4 Modificador [de GV].
- 1.5 Sujeito.
- 1.6 Sujeito.
- 1.7 Modificador [de GV].
- 1.8 Complemento direto.

2. (A).

3. (A).

4.

- 4.1 Ele lê-os.
- 4.2 Ele tê-los-á lido.
- 4.3 O meu irmão não os teria lido.

5. Sujeito indeterminado e sujeito composto.

6. (B).

GRUPO III – resposta livre.

**manual
escolar**



**PROJETO CONSTRUÍDO COM O APOIO
DA COMUNIDADE DE PROFESSORES.**

*Preparação para Testes e Prova Final é uma oferta com
o manual e não pode ser comercializada separadamente.*

LeYa	SEBENTA	ISBN 978-972-799-338-3
		 9 789727 993383 0 0 0 0 2
www.leya.com	www.sebenta.com	

